

Problematização do Tema: Comunicar em contexto de cuidados de saúde primários. O Mito de Narciso e Eco.¹

João Carlos Vaz Furtado. M.S.²

No primeiro texto “Notas introdutórias: Comunicar em Cuidados de Saúde Primários”, encerramos o nosso tema através de algumas interrogações. Agora, como forma de problematizar o nosso tema vamos ampliar estas questões: se o sofrimento é também expressão simbólica, como podemos desenvolver estratégias de comunicação cuja finalidade seja operar no outro de forma que ele fique curado? Como transformar a crise/sofrimento em algo que viabilize o processo de desenvolvimento pessoal, a individuação?

Consideramos como hipótese a amplificação da comunicação não-verbal/inconsciente dentro da linguagem verbal, assim como, trazer a dimensão do corpo através da linguagem simbólica.

Nestes últimos anos, como descrevi em minha trajetória no último texto, tenho desenvolvido pesquisas relacionadas sobretudo à prática da imagem no contexto clínico. Inicialmente através dos cenários do *sandplay* e, atualmente, também através do desenho ou qualquer meio expressivo que a pessoa desenvolva espontaneamente.

Vamos recordar que a esse método da amplificação do símbolo (imagem) através do uso das técnicas expressivas (desenho, pintura, modelagem, cenários, sonhos, etc.), funciona como campo intermediário de tradução dos conteúdos sintomáticos e psicossomáticos. E o mais importante, possibilita a transformação (cura) da pessoa, a reestruturação psicológica e a ampliação da consciência. Portanto aumenta a comunicação eu/outro, assim como a comunicação interna.

Nossa hipótese é que as imagens podem se relacionar de uma maneira muito mais profunda do que se estivéssemos a trabalhar exclusivamente através de conceitos abstratos, racionais e teóricos. Os conceitos abstratos são importantes intelectualmente, por exemplo quando estamos num processo de investigação científica, a realizar um doutorado e temos de relacionar diversas teorias. E mesmo num contexto de formação, os conceitos abstratos tem sua importância, mas não em demasia.

¹ Este texto é resultado da segunda comunicação no âmbito do núcleo de formação do Aces alto ave a todos os colaboradores, Outubro de 2021.

² Especialista em Psicologia clínica e da saúde e, em Psicologia analítica. Assistente da carreira dos técnicos superiores de saúde – Ramo Psicologia clínica.

No entanto, na prática clínica, em termos de comunicação com o outro de pouco valem. Quando as pessoas dizem que sentem que estão nervosas, envergonhadas, com medo, ou mesmo a descrever seu sofrimento em abstrações, estão a focalizar uma parte do seu sistema nervoso, provavelmente aquele que é mais incentivado na cultura predominantemente patriarcal.

É claro que as pesquisas em neurociências têm confirmado cada vez mais a plasticidade do cérebro, e o princípio da divisão em funcionalidades não é assim tão radical e desligado, até porque muitas vezes as funções se complementam, se interrelacionam e interagem mutuamente.

Por exemplo, podemos atribuir a capacidade criativa da imagem ao lado direito, mas no momento que se desenha e está a utilizar determinados processos mais técnicos, entra em ação a interação com o esquerdo.

É bastante provável que haja uma propensão de estímulos associados às funções do lado esquerdo. Afinal a atividade escolar, por exemplo, valoriza mais o raciocínio lógico/intelectual e analítico, a expressão verbal e a sua compreensão cognitiva em palavras/conceitos. É a isto que Byington denomina de psicologia patriarcal³.

Já o outro polo tende a ser menos incentivado, associado as funções do lado direito, como por exemplo, a intuição, a criatividade, o uso de imagens e sua intensidade emocional. Aquilo que se denomina de psicologia matriarcal.

Pode ser muito interessante para a psicologia em termos de diagnóstico coletivo, se considerar esta mudança de paradigma ao deslocarmos nossa comunicação maioritariamente do lado 'esquerdo' para o outro polo, que está menos estimulado, subdesenvolvido e mais inconsciente.

Noutras palavras, independentemente de ligarmos as funções cerebrais à rigidez da lateralidade do cérebro, importa mais que funções na comunicação queremos agora estimular, tornar consciente e observar seus efeitos em termos de estruturação cerebral, da personalidade e, em termos de desenvolvimento pessoal. É o que se denomina de alteridade ou psicologia fraterna (irmão)⁴. É nesta dimensão que a metáfora, a arte e a linguagem poética podem ser grandes aliadas nas ferramentas que pretendemos usar em contextos de CSP.

³ Esta relação do funcionamento neurológico e a psicodinâmica é amplamente desenvolvida pelo psiquiatra e analista junguiano Carlos Byington. No final do texto já iremos apresentar algumas referências para quem desejar aprofundar nestes temas.

⁴ A Psicologia do arquétipo fraterno – Gustavo Barcellos.

Numa experiência realizada na Universidade de Liverpool⁵ no departamento de neurociências, estudaram e compararam duas imagens de Ressonância Magnética. Numa delas a pessoa estava a ler prosa, revista (texto corrido, informativo) e a outra, poemas.

A RM confirmou que a pessoa que leu prosa usou mais um lado do cérebro, o esquerdo no caso. Já a pessoa que leu os poemas provavelmente utilizou mais a criatividade e utilizou os dois lados do cérebro. Portanto, o uso do cérebro foi ampliado, foi mais vivo e interativo.

O que queremos investigar e aplicar na clínica é que a utilização de metáforas/símbolos promovem o dinamismo psíquico conjuntamente com todas as atividades neuronais que isso implica, provavelmente muito mais do que a exclusividade do pensamento racional/verbal.

Vamos pensar nisto em termos práticos. Quando uma pessoa chega a consulta e diz que teve uma semana ruim, isto pode ser ampliado com a devolutiva de palavras que sugerem sentidos de maior amplitude conectiva nervosa e simbólica, como por exemplo, uma semana dura, azeda, arrastada...

Durante uma consulta enquanto a paciente se queixava de uma dor e um desconforto no estomago, de repente começou a dizer: é como se estivesse a arder. Juntos procuramos outras imagens e, então, de repente ela descreve a imagem de como se tivesse engolido uma pedra que não saí do lugar. A partir daqui podemos ampliar o significado da pedra, o qual resultou na interpretação de que ela é uma emoção já antiga, presente desde a infância, associada a raiva que volta (revolta) ligada ao desamparo e abandono que de tão crónico, ficou duro, rígido.⁶

Será que se olhássemos para o cérebro neste instante estariam ativadas zonas relacionadas a sensação da pedra ou algo sólido que o estomago ilusoriamente reconhece concretamente? O facto é que do ponto de vista terapêutico, essa consciência permitiu a utente 'rolar' a pedra dentro de si, e a partir desta compreensão dinamizar seu processo psíquico.

⁵ <https://www.portalraizes.com/ler-literatura-seria-e-como-impulsionar-foguetes-para-o-cerebro-e-funciona-melhor-que-autoajuda/>

⁶ Curiosamente na mitologia grega há uma passagem em que Cronos é ludibriado e engole uma pedra, isto permite que Zeus cresça e possa destronar Cronos. Psicologicamente isto pode significar o quanto a atitude crónica ao ser ampliada por imagens arquetípicas permite que um novo surja e destrone uma atitude crónica e 'imutável'.

No mito de Eco e Narciso, por exemplo, ambos não conseguem estabelecer uma conexão/comunicação e, com isso, transformarem a si próprios, como um processo resultante desta interação, desta relação.

Será possível amadurecer, desenvolver-se sem a interação com o outro?

O mundo atual vive baseado no princípio do rejuvenescimento, e envelhecer implicitamente associado ao amadurecer tornou-se um processo não desejável. O ideal de vida é sermos sempre belos (desejados e invejados) e poderosos, fixados apenas num lado da existência.

Esta comunicação promove ativamente o ideal de total independência, à semelhança de Narciso, que não tem nada a ver com autonomia, autossuficiência, cooperação e mutualidade, pois o que vemos cada vez mais na clínica é justamente o aumento e o prolongamento da adolescência.

Amadurecer e curar (no sentido que já explicitiei antes) é uma dinâmica que envolve o desejo de envelhecer. Em Narciso o que vemos é que ele se fixa em si mesmo, o eternamente jovem (*puer aeternus*).

Um dos aspectos fundamentais neste processo de amadurecimento é justamente a capacidade de se relacionar com o outro, o diferente, neste caso o velho e o desejo de também ser como ele. Se repararem o grande impulso da adolescência é justamente esse encontro com o outro (separar-se do seio familiar e começar sua aventura ao novo, desconhecido), que é a ponte para o mundo para tornar-se maduro.

Vivemos esta extrema contradição, de um lado a comunicação cada vez mais narcisista e de outro o advento da internet que possibilitou mais acesso a informação, ou seja, apesar das possibilidades de ampliarmos nossa comunicação, cada vez mais as pessoas sentem-se isoladas, fechadas em si mesmas.⁷

Um dos riscos que a comunicação narcisista corre é ela ser muito pueril, logo com menos maturação, elaboração e criatividade, ou seja, mais impulsiva, em *acting out*, do impulso à ação, sem a mediação cognitiva e, desse modo, sem representação mental.

É tudo para ontem, não há aquele compasso de espera para refletir, logo uma baixa tolerância à frustração, ao não, ao fracasso e o erro. Cada vez mais as pessoas reagem defensivamente ao erro e não percebem nele o potencial de amadurecimento que o

⁷ Fenómeno hikikomori, a epidemia de jovens reclusos em seus quartos
<https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-epidemia-de-jovens-reclusos-em-seus-quartos/>

mesmo promove, não se permitem conversar com o erro e aprender a envelhecer com o mesmo.

Mal a notícia sai nas redes sociais e antes mesmo dela ser identificada como real, já foi vista por milhares de pessoas, e as vezes só no dia a seguir é que se sabe que é falsa, agora imaginem o impacto que isto pode ter se não refletimos naquilo que estamos a ver...

Somos invadidos por imagens projetados que banalizam nossas pulsões mais profundas, como por exemplo, a violência e o sexo, qualquer pessoa pode ver o que quiser sem filtros nestes temas. Pergunto como será para algumas pessoas esta banalização e, conseqüentemente, a maturação para uma melhor assimilação e modulação emocional do que assistem. O banal, vulgar e normal é também uma característica do mundo atual, a normopatia.

A falta de ritos parece agravar o processo de integração e amadurecimento de determinadas experiências. Tudo é acessível, permitido, não há porque desejar amadurecer para poder aceder a determinadas experiências.

Não há processos, como por exemplo, amizade, paquera, namoro e o compromisso. É tudo ao mesmo tempo, misturado, sem construção e discriminação. Tudo é agora, vivemos a era da gourmetização, tudo pode ser experimentado agora.

Perde-se a noção da origem das coisas, é como se as coisas nascessem prontas, já lá estão para o nosso consumo a venda em qualquer prateleira. Já reparei, por exemplo, que para algumas crianças a origem do leite vem do supermercado, não há noção da maturação do processo, criar e cuidar da vaca, ordenhar o leite, para só assim consumi-lo.

As próprias relações são descartáveis, similar as redes sociais. Nas organizações, isto por exemplo, tem um impacto enorme a nível psicológico quando as pessoas são demitidas ou desvalorizadas em suas funções como objetos descartáveis.

Outro dia, num atendimento o maior sofrimento para a pessoa foi o término de uma relação de quase dez anos, mas não porque o seu ex-namorado estava a relacionar-se com outra pessoa. Mas sim a forma como terminou, sem dizer nada, como se fosse descartável (é o término por mensagem por exemplo).

Por norma a tendência deste padrão de comunicação é semelhante a ler o livro a partir do meio ou ainda só o seu fim (acho que não há sequer paciência para se ler um livro, é mais fácil ler o post do facebook). Reparo, por exemplo, a dificuldade das crianças em

verem um filme todo, ler um livro. Estão sempre a saltar de conteúdos, como por exemplo no Youtube, não há tolerância para deixar se envolver pela história.

Neste caso, sabemos o quanto o uso das imagens é a forma de manipulação mais comum para nos levarem a verem aquilo que é desejável ser visto, para depois ser desejado para ser consumido.⁸ Outro problema é que com isso as *fake news* tornam-se verdades, perde-se a função simbólica. É como Narciso que só olha para a superfície da imagem, não mergulha e procura ver seu interior (função simbólica/metafórica).

Lembro de um vídeo que mostrava a mesma cena de diferentes ângulos, o mais surpreendente é que cada ângulo nos dava uma perspectiva totalmente diferente. Portanto, conforme a imagem é veiculada será a verdade que se quer transmitir.⁹

O mundo atravessa uma espécie de construção à semelhança de um jogo virtual. É como se nossa aprendizagem cada vez mais se tornasse virtual (aprender a conduzir virtualmente por exemplo). Mas será que esta experiência não faz com que as coisas se tornem mais protegidas (numa bolha)? Algo que a vida real não dá.

Na sociedade ocidental moderna, curiosamente, é justamente o tempo da humanidade em que é mais permitido expressar sua identidade, sua individualidade, logo desenvolvermos nossas personalidades.

Há tempos atrás viveu-se períodos de ditadura, com limitação ao acesso à informação. Períodos em que um ser humano subjugava o outro pela sua raça, condição social ou pela identidade de género, neste caso a raça negra/indígena, o pobre e a mulher. Tempos em que o nobre nascia nobre e morria nobre, o camponês, camponês e ninguém questionava isso.

A cultura atual idealiza a cultura narcisista que supervaloriza a atitude performática, o empreendedorismo e a autoimagem (selfies). Ser rico, famoso e bonito, estes parecem ser os heróis deste mundo pós-moderno.

Por outro lado, este excesso de individualismo (diferente de individuação) tornou necessário e urgente a consciência de um coletivo que coopera entre si. A uma visão não egoísta (egóica) que temos de interagir com o todo, o nosso planeta e todos os seres habitantes nele, de forma sustentável e respeitosa.

⁸ Vejam por exemplo o documentário o dilema das redes sociais.

⁹ Outro exemplo é da menina, criança perdida, mas com aparência de 'rica', as pessoas paravam para ajudá-la, depois colocaram-na com aparência de pobre e aqui as pessoas começaram a rejeitar.

A problemática inicial de Narciso do não me abrace e retire suas mãos, necessita urgentemente do me abrace e ponha as suas mãos, nesse outro ser humano, animal, vegetal e mineral. É como se tivéssemos urgentemente de corrigir esta dissociação profunda que nosso excesso de narcisismo está nos causando.

Atualmente e infelizmente ainda temos presenciado o genocídio de algumas comunidades indígenas, o desmatamento sem precedentes, a destruição da flora e da fauna.

Lembro, quando professor do ensino básico (década de 90), que utilizava de estratégias de sensibilização com a finalidade de despertar os jovens para a realidade que vivíamos, no caso, a extinção de algumas espécies, a extinção do povo indígena e o caminho que a humanidade estava a trilhar na sua possível autodestruição.

Nessa altura, usava correntemente a carta do chefe Seattle para sensibilizá-los que esta é uma realidade prevista, que estamos a colher aquilo que nós plantamos.

O chefe começa a refletir sobre a possibilidade em aceitar vender suas terras, pois sabe de antemão que se não o fizer será tomada a força, como assim tem sido ao longo dos anos.

Seu retrato do 'homem branco' é de alguém usurpador, que não se relaciona com o outro como um igual, sustentado pela sua ganância e vaidade egoísta. Sabiamente alerta que viver é estar em harmonia com todos os outros seres e, sobretudo, com a mãe terra.

Prevê que as cidades serão lugares de 'sobrevivência', de luta, violência e poluição.

Em sua tentativa de condicionar a 'oferta irrecusável', propõe a consciencialização para o futuro da humanidade, da vida e todos os seres que habitam este planeta. Numa sabedoria monista, nos sensibiliza que "tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra".

Mal sabia ele que 'os fios que falam' seriam substituídos por conexões virtuais! Mas sabia que seria "o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência".

Vejam o último parágrafo da carta do Chefe:

"Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra

quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum."

E, com a pandemia COVID19, mais ainda, a ideia de que isso também significa de que todos estamos a lutar pela sobrevivência de nossa espécie. Estamos a chegar no ponto de não retorno, de irreversibilidade, ou seja, cada segundo daquilo que fazemos hoje é fundamental para a sobrevivência do planeta, do futuro. Até já se pensa em colonizar outros planetas.¹⁰

A tal atitude individualista, narcisista, pode gerar nossa destruição: corona vírus, sustentabilidade do planeta, o fosso abismal de pobres e ricos, a exacerbação dos movimentos extremistas, etc...Imaginem o que 1% da população mais rica do planeta é capaz de causar a esse mesmo planeta?

O individuo narcísico, que só vê a si mesmo, o ensimesmado, é um risco para a sustentabilidade do nosso planeta e da nossa própria espécie.

Quando estamos a trabalhar em psicoterapia e algum traço é marcante, mais excessivo e presente na personalidade da pessoa, por norma nos perguntamos se isso não irá gerar alguma descompensação. Nestas circunstâncias uma das ferramentas que utilizamos é a recolha de dados da história de vida como forma de compreender este carácter marcante da pessoa.

Se aplicarmos isto a Narciso, nós iremos verificar que um dos aspectos que se sobressaem em sua narrativa é a tal união forçada que gerou a si mesmo, resultado da força masculina de um lado e a passividade feminina de outro.

O seu nascimento é marcado então pela força masculina dominante e opressora, um complexo patriarcal unilateral ou negativo.¹¹Cada vez mais este padrão tradicional familiar patriarcal tem sido questionado. Nas organizações, também está obsoleta a ideia de uma função ou profissão tenha mais superioridade sobre outras. A hierarquização rígida está a ser superada pelo princípio da cooperação e igualdade.

E nos CSP, sobretudo em termos da prevenção da doença e a promoção da saúde, a lógica multidisciplinar e plural também tem sido cada vez mais aceite do que

¹⁰ Vejam o filme "Não olhe para cima" (Don't look up).

¹¹ Como exemplo, vejam a série Unorthodox que relata a experiência de uma jovem que cresce numa cultura judaica patriarcal ortodoxa.

intervenções realizadas de forma disciplinar e singular, ou seja, com apenas uma especialidade, este Um é Narciso.

Ainda nesta compreensão do desenvolvimento de Narciso, reparamos em outra imagem significativa, a preocupação da mãe com o tempo de vida de Narciso. Isto é identificado quando ela consulta o velho Tirésias a respeito deste tema, o qual ele responde que poderá ser longa desde que ele não se veja (se veja refletido).

Não poderíamos ver aqui uma preocupação da mãe e o temor que o filho se separe dela? E quais são as implicações quando este processo não é bem-sucedido, quando geram fixações, como por exemplo no eternamente jovem, como vemos no prolongar da adolescência do mundo pós-moderno.

Neste caso estaríamos a pensar também na ‘mãe narcisista’ incapaz de refletir (refletir no sentido de promover a individuação e não a fusão) que seu filho apresenta uma natureza ímpar, é um indivíduo separado de si mesma.

Este aspecto da psicologia da mãe ‘devoradora’ que não promove a individuação do filho e permanece fixamente ligado à mãe, por norma acaba por trazer problemas de maturidade, do tal envelhecer. Este é o polo do complexo materno unilateral/negativo.

No mito vemos que tanto o desenvolvimento de Eco, o feminino, como de Narciso, o masculino, sofrem uma regressão, ela transforma-se em pedra e ele em planta. Adelina seguida durante décadas por Nise da Silveira¹², revive este mito, ela diz a monitora numa voz quase inaudível: “eu queria ser flor”, sua problemática foi o estrangulamento do seu potencial de individuação através do enamoramento com o outro, reprimido pela sua mãe.

Já na idade jovem, Narciso se depara com a problemática da interação com o outro, neste caso, é representada através de Eco. Eco é a diferente, a outra, aquela que poderia possibilitar o aumento de seu desenvolvimento.

O castigo de Narciso foi rejeitar Eco, a outra, a diferente, a sua contraparte feminina, logo seu oposto, aquela que poderia promover a dialética do seu desenvolvimento.

Pensem em termos de comunicação sobre a importância de interagimos com o diferente, o outro, e o que isso pode promover em nosso desenvolvimento.

Eco, ao contrário de Narciso, é a tagarela, falava pelos cotovelos, com todos os pormenores, fazia fofocas, trivialidades, era uma verborreica. Quando Hera percebe que

¹² Capítulo 7 – O tema mítico de Dafne em Imagens do Inconsciente. Nise da Silveira.

estava a ser ludibriada, Eco é castigada, e a partir deste castigo só podia apenas repetir as últimas palavras proferidas pelo outro.

A Ecolalia (fala repetitiva) as vezes pode ser um distúrbio da linguagem, uma entidade clínica, como nos casos de autismo. A compulsão a repetição também é uma descoberta que nos dá pistas de que a pessoa está com algum complexo não resolvido, daí repetir sempre aqueles assuntos, repetir os mesmos comportamentos e os mesmos vícios.

Este é um lado mais regressivo da repetição, no entanto, a repetição também apresenta um lado criativo, e é este que podemos olhar em termos da comunicação criativa. Por exemplo, outro dia a utente estava a falar de seu medo de ter um cancro no útero e morrer do mesmo.

Pedi que ela imaginasse com seria esse cancro no seu corpo, ela contou que é como se fossem picos a atacarem o órgão por dentro. E eu repeti três vezes com mudanças no tom: atacar, atacar, atacar...

De imediato este eco lhe fez sentido e ela repetiu, 'pois é, lá estou a ver mais uma vez eu a atacar a mim mesma'.

Assim a repetição pode ser algo que deseja ser refletido, aperfeiçoado, elaborado.

Eco aqui é como a experiência feita na Universidade de Liverpool, pode ter um sentido metafórico, profundo e mobilizar a mente.

Deste ponto de vista, Eco pode ser a maneira como ecoamos aquilo que o outro nos conta (verbal) e nos mostra (imagem) simbolicamente, metaforicamente.

Este ecoar como forma de reflexão empática e simbólica tem se tornado cada vez mais relevante enquanto um dos principais fatores de cura na comunicação com os utentes.

Eco aqui não significa apenas repetir o que o outro diz, ou aquele acenar da cabeça em forma de concordância, ou ainda o sim, sim, te compreendo, ou ainda aquela tendência de ecoar de maneira vazia, como se estivéssemos enfadados e falamos de forma mecânica.

É um ecoar empático que provoca sentido. Como vimos nos efeitos da metáfora no cérebro, este eco é 'mover a mente', cujo dinamismo é o que torna a imagem simbólica.

Esta imagem também encontra paralelo com a cultura indígena da Amazónia, os índios Tucanos, eles traduzem o símbolo como eco, sombra, imagem e essência.

Este modo de ecoar criativo, que permite reflexões profundas e promovem a transformação do outro, tem como princípio fundamental o conhecer a si mesmo, mergulhar em si mesmo.

Vamos finalizar este texto com a imagem central do mito que é o ver a si mesmo através da autoimagem e através da repetição das palavras de Eco.

Ambas, se repararmos bem, refletem e repetem algo em nós, que nos convida a um mergulho ao nosso interior.

O mergulhar em si mesmo enquanto pressuposto do amor, do cuidar e do desenvolvimento (logo também da cura e da homeostase) não é algo adquirido por si só, de forma narcísica, egocentrada, está assente na interação com o outro.

No entanto, aquele que é incapaz de amar o outro, ser amado e compreendido, adocece, morre por dentro...

Quantos casos clínicos que adoecem, dissociam, porque o amor não é correspondido?

Na paixão de Eco por Narciso não há correspondência do amor ao outro, e como consequência Narciso é incapaz de amar a si mesmo, afinal o que ele ama é só um reflexo daquilo que ele vê, sem substância, é uma projeção.

As vezes as dificuldades das pessoas é perceberem isso, que o que amam é uma projeção idealizada de si mesmo, e o amor verdadeiro pressupõe a relação. Neste contexto de amor relacional é que possibilita emergir nossa verdadeira natureza.

E assim é também na clínica, mas do que interpretações que podemos oferecer ao outro, podemos estar em relação dialética/diálogo com o outro, em que ofereço a minha própria personalidade como recurso terapêutico ao outro.

Como referido no primeiro encontro, em relação as técnicas expressivas como campo intermediário na interação com o outro, e desse modo, como elemento mediador daquilo que se passa na comunicação entre o terapeuta e o paciente, gostaria agora de incluir mais alguns elementos que venho descobrindo na clínica.

Num contexto relacional terapêutico, livre e protegido, semelhante aquele que Nise concebeu, naturalmente os pacientes produzem desenhos, pinturas, cenários de sandplay, etc. Nestes contextos, por norma estamos em interação, pelo menos é suposto que assim seja.

Tanto a folha em branco, como a caixa com areia e ainda os nossos ouvidos podem ser alusivos ao espelho de Narciso, que oferecemos ao outro a possibilidade de refletir a si mesmo de maneira profunda, mergulhar na imagem...

Isso quer dizer que é um olhar para dentro da água de onde provém o reflexo, em sua profundidade e em sua interioridade.

E isto não é fácil, quanto mais nos aprofundamos para dentro da água, mais a imagem tende a se tornar menos lúcida, mais louca, irracional e nebulosa.

Isto provavelmente significa que olhar para o interior do espelho é confrontar aquilo que não conseguimos ver, que não queremos ver ou que não suportamos ver em nós mesmos.

Este olhar para dentro é normalmente carregado de emoção, e muitas vezes pode gerar mecanismos de defesa contra sentimentos de rejeição, raiva, medo e falta de empatia. As vezes o eu não tolera olhar para estas coisas, estes sentimentos.

Como disse outro dia uma paciente, é mais fácil ficar preso ao sofrimento e o seu significado superficial do que olhar para o novo, o futuro, o diferente, pois o que não conhecemos é muito angustiante.

Vamos problematizar esta imagem com o seguinte pensamento: se não lançarmos este olhar interior e ficarmos fixados na autoimagem superficial, iludidos, não estaríamos sempre a projetar nos outros as coisas que não vemos em nós mesmos?

Provavelmente individuar não é pera doce, esse processo de contínua construção, de amadurecimento, de cura é um processo doloroso.

É uma travessia em que o outro é fundamental, é meu Eco. Eco não pode se separar de Narciso nesse sentido, senão ambos regridem (pedra e flor) ...

Sem o outro não há comunicação, diálogo, novas dinâmicas e desenvolvimento. Não somos nada sem nossos utentes, como profissionais de saúde. Não somos pais sem nossos filhos, marido sem mulher, eu sem o outro...

Na clínica, Narciso pode ser interpretado na atitude ensimesmada que não vê o outro, mas somente aquilo que refletimos/projetamos de nós mesmos.

E neste caso só vemos, por exemplo, a imagem como um poster, num angulo só, descontextualizada de subjetividade, emoção, imaginação e biografia.

Como exemplo clínico que ilustre esta ideia, lembro de uma utente que sofria de imensas dores na coluna, neste caso, a imagem ficou focalizada apenas na RM,

descontextualizada de todos estes aspetos que citei. Só quando houve o resgate destas outras imagens relacionadas a sua história de vida, suas emoções, imaginação e subjetividade é que ela começou a curar...

Outro aspecto que gostaria de problematizar é a tendência de Narciso em excluir o outro, portanto de interagir a dois, ou de forma plural. A sua tendência é se fixar no Um, em si mesmo.

É o retrato de uma cultura em que só prevalece um olhar, um ponto de vista, uma maneira disciplinar de ver o outro, é a monocultura.

Em termos concretos isto significa que aumenta a probabilidade de aumentar os fatores de iatrogenia e colocarmos o outro no leito de Procusto.¹³

Problematizo: a comunicação em CSP deve ser plural, diversificada com diferentes especialidades? Isto não tornaria a comunicação mais enriquecida, democrática e criativa? Não iria potenciar a nossa interação como os nossos utentes e consequentemente uma melhoria em nossas intervenções em termos de diagnóstico e plano de ação? E, finalmente, não iria aumentar a eficácia em termos de prevenção e promoção da saúde?

Por outro lado, o profissional sem Eco, sem ser ouvido e sem reconhecimento não iria definir, perder espaços e narrativas?

Provavelmente ouvir Eco é ouvir sua potência.

Quantas vezes o sofrimento do outro é justamente por nunca ser ouvido e nunca ser compreendido (ser compreendido é tão vital...)

Aquela mesma paciente que disse o quanto é angustiante olhar para o novo, o diferente, contou-me que sempre foi maltratada com palavras de ofensas, humilhação e mentiras. Pensei: isto não seria como uma violação aos seus ouvidos, a caverna de Eco?

Ela contou-me que além disso vivia uma relação que o outro não a ouvia, nada que dizia fazia eco. Curiosamente uma das suas principais queixas, que inclusive levou-a a reforma por invalidez, foi a perda de audição.

Imaginei o quanto este órgão foi magoado e talvez por isso mesmo começou a se fechar e deixar de ouvir...

¹³ Procusto convidava as pessoas a pernoitarem em sua casa e oferecia um leito. Caso fossem maiores que o leito cortava as pernas, se fossem menores esticava-as.

Como mencionei várias vezes é o corpo que fala, neste caso que comunica simbolicamente.

Há alguns anos atendi uma criança cuja problemática tinha a ver com um tic específico (ela engolia e fazia um som associado: hum). Fez diversos exames a nível neurológico e iniciou medicação.

Quando a conheci, a sua imagem era de uma menina extremamente expressiva, criativa, sensível e inteligente, mas que estava encapsulada em si mesma.

Utilizamos o sandplay. Nesta técnica a sua expressividade através das projeções das imagens eram muito intensas, com conteúdos profundos para uma menina de apenas 9/10 anos. O facto é que a medida que a terapia se desenvolveu, o seu tic passou a ser incorporado/transformado a sua identidade, ou seja, cada vez mais ela se tornou aquilo que ela era (é daquelas coisas que quando as pessoas dizem em terapia eu penso, pronto já pode ter alta).

Uma menina expressiva com seus maneirismos, muito gesticulada na forma de se expressar com o corpo e as palavras. Com isso ela ganhou confiança, autoestima e melhorou significativamente a sua comunicação com o outro.

Por fim, espero que com este último exemplo esta formação também faça eco em vós...